

ASSUNÇÃO DO COMPROMISSO ANTIRRACISTA: uma luta e uma proposta de professoras pretas para a educação

ASSUMPTION OF THE ANTI-RACIST COMMITMENT: a struggle and a proposal of black women teachers for education

■ Izabel Espindola Barbosa; Raquel Pereira Quadrado; Eliane Almeida de Souza

RESUMO

Esse artigo apresenta uma proposta de pedagogia preta feminista a partir da pesquisa de uma dissertação sobre professoras pretas. A metodologia realizada foi a pesquisa bibliográfica, com parâmetros para a escrita e a análise. Para essa discussão foram pautados os três temas (Formação, racismos e resistências) que guiaram a pesquisa de dissertação. Das entrevistas da dissertação e da bibliografia convergiram, repetitivamente, três eixos (família, coletivos como o Movimento Negro e responsabilidade profissional). Desses ternários, propomos três práticas para promover a educação antirracista. Ao final, expomos a Pedagogia Preta Feminista, sem concluí-la, pois a proposta é ser mais uma semente para a práxis antirracista.

Palavras-chave

Pedagogia preta feminista; proposta; ternário; antirracista

ABSTRACT

This article presents a proposal for a feminist black pedagogy based on the research of a dissertation on black female teachers. The methodology used was bibliographic research, with parameters for writing and analysis. For this discussion, the three themes (Training, racism and resistance) that guided the dissertation research. From the interviews of the dissertation and the bibliographic research, three axes converged repeatedly (family, collectives such as the Black Movement and professional responsibility). From these ternaries, we propose three practices to promote anti-racist education. At the end, we expose Black Feminist Pedagogy, without concluding it, as the proposal is to be another seed for anti-racist praxis.

Key words

Feminist black pedagogy; proposal; ternaries; anti-racist

1 Apresentação

Então a gente precisa assumir essa luta sim. E a responsabilidade nossa enquanto educadores é essa. Não se concebe um educador não querer, se negar a fazer parte dessa luta. Então a minha mensagem é esta. E eu espero assim que a gente, justamente porque estamos passando por esses momentos de retrocesso, que a gente compreenda e entenda o quanto nós já avançamos e o quanto é importante avançarmos mais. Mas só avançaremos mais se tivermos a coragem de transformar a nossa realidade em sala de aula, a nossa realidade na escola, a nossa realidade na família, a luta antirracista ela é urgente. E a gente tem que assumir.
Staël Soraya dos Santos Rosa

Buscando a memória de estudante, percorremos um vazio ao perguntar “onde estavam as professoras pretas” nos longos anos de escola, ensino técnico, graduação e pós-graduação. Lembrar de uma professora Preta não é algo corriqueiro. Somente na pós-graduação novos rostos “pretas” são vistos e lidos. Entretanto, é necessário pensar que a porcentagem de mulheres de pele preta que chegam até a bancos universitários como discente é pequena, muito menos como docente de um programa de pós-graduação.

Há o entendimento de que, quando se trata da questão de pertencimento étnico-racial, se o negro reconhece sua negritude ou se ele a tem disfarçada na variedade do tom de pele devido a um sistema de branqueamento imposto, por trás de tudo isso é a cor que permanece. É a partir da cor preta que se desvela a beleza das histórias de cinco mulheres que escolheram a docência como profissão e enfrentaram, no campo educativo, desafios, conquistas, dores e sabores de se constituírem referências da luta negra em seus espaços.

Este artigo visa apresentar proposta de uma Pedagogia Preta Feminista, a partir de uma pesquisa de mestrado que trouxe a história de cinco professoras pretas na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Não traz suas falas ou histórias propriamente ditas, mas a proposta de uma pedagogia estruturada a partir da pauta negra em conjunto com o conteúdo que essas professoras pretas trouxeram. Ou seja, visibilizando a questão histórica brasileira contada, hegemonicamente, pela lente preta dessa população que foi, por séculos, silenciada.

Essa proposta de uma Pedagogia Preta Feminista traz sua base no pensamento feminista negro em suas características como: experiência vivida como critério de significação; o uso do diálogo para avaliar o conhecimento; a ética do cuidado nas emoções; a ética da responsabilidade pessoal; as mulheres negras como agentes do conhecimento.

A escuta atenta das professoras e toda a bibliografia de autoras negras trazem muitas proximidades e, embora algumas teóricas negras refutem o feminismo negro e a interseccionalidade como temas centrais, eles estão lá. Esses temas não devem contribuir para a divisão de lutas, mas para

um entendimento e difusão desse conhecimento. Para roteirizar as perguntas, três eixos foram orientadores: formação, racismos e resistência.

Na escuta das professoras pesquisadas, três pontos mostraram-se, aos ouvidos da pesquisadora, destacados: a família, os coletivos como o Movimento Negro e a responsabilidade da atividade profissional. Na bibliografia pesquisada, também esses três pontos são colocados como diferencial nos trajetos educativos, pessoais e, também, profissionais das escritoras. Ao pensar a pesquisa, imaginava-se o grau de ineditismo, porém, na bibliografia escolhida, descobre-se que a inquietação já havia sido estudada nos mestrados de autoras como Wilma Coelho e Nilma Lino Gomes.

Assim, o artigo discutirá esses ternários e, ao final, apresentará a proposta integralmente como foi pensada, com três ações: recuperar a história, escuta e fala e, revisão constante.

2 Metodologia

Então a gente não pode se calar diante disso. A gente tem que fazer alguma coisa pra mudar essa realidade.
Staël Soraya dos Santos Rosa

O trajeto metodológico do artigo foi através da pesquisa social com base no que Minayo (2011) estabelece sobre especificidades como a carga e a consciência histórica, as relações humanas, as visões de mundo de determinado grupo e a percepção de inacabamento, não se fixando em dados quantitativos. Para isso, com a pesquisa qualitativa nos apoiamos nos parâmetros de pesquisa bibliográfica de Lima e Miotto (2007), que referendam o rigor metodológico, sendo os parâmetros: temático, linguístico, principais fontes e cronológico.

a) Parâmetro temático: como referência, buscaram-se autoras mulheres negras professoras que escreveram sobre mulheres negras professoras, em especial a estadunidense Bell Hooks (2019) e as brasileiras Nilma Lino Gomes (1995) e Wilma de Nazaré Baía Coelho (2006). Trazendo discussões sobre raça e gênero ou interseccionalidade, utilizaram-se Winnie Bueno (2020) e Sueli Carneiro (2011; 2019) e Patricia Hill Collins (2020) entre trajetos e seu pensamento feminista negro. A inglesa Reni Eddo-Lodge (2019) traz discussões sobre o “ser invisível”, que difere numericamente entre a realidade inglesa e a realidade brasileira, porém que apresentam relações/sensações humanas aproximadas.

b) Parâmetro linguístico: as obras escolhidas foram publicadas em português e espanhol.

c) Parâmetro das principais fontes: foram consultados livros e artigos publicados em periódicos científicos ou em *sites* afrotemáticos.

d) Parâmetro cronológico: foram priorizadas obras mais atuais, posteriores a 2010. Porém, em relação a escritos de mulheres negras professoras brasileiras, escolheu-se a data de publicação, visto que são obras fora do mercado editorial.

A metodologia da escrita tenta se aproximar do pretuguês (GONZALEZ, 2020) ancorado na responsabilidade ético-emocional do pensamento negro feminista e de mãos dadas com a dororidade de Vilma Piedade (2017).

A metodologia da análise carrega os afro-ensinamentos sobre negruras de Leda Maria Martins (1996), afro-históricas de Lúcia Charún Illescas (2009) e a epistemologia de Exú de Edelu Kawahala (2014).

O uso dessas bibliografias permitiram o debate e a apresentação da proposta de ação, sem finalizá-la. A interlocução das metodologias visa ampliar futuras discussões e promover possibilidades diversas, contínuas e inovadoras de educação das relações étnico-raciais.

3 Ternário

Diante do racismo o que nós não podemos fazer é fechar os olhos e fechar a boca, silenciar pra essa realidade triste, dura, numa sociedade como a nossa, numa sociedade onde a cada minuto morrem vinte e três jovens (pausa), negros (pausa) porque são negros.
Staël Soraya dos Santos Rosa

Longe de comparações técnicas, mais de vinte anos passados, as palavras de Nilma Lino Gomes, primeira reitora negra de uma Universidade Pública Federal, ainda ressoam verdadeiras, reais e cotidianas, pois

Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre negação e afirmação de nossas origens étnico-raciais. Representa também suportar diferentes tipos de discriminação. Ser mulher, mulher negra e professora expressa em outra maneira de ocupação do espaço público. Ocupar profissionalmente esse espaço, que anteriormente era permitido só aos homens e brancos, significa muito mais que uma simples inserção profissional. É o rompimento com um dos vários estereótipos criados sobre o negro brasileiro de que ele não é capaz intelectualmente (GOMES, 1995, p. 115).

As professoras pretas, entrevistadas na dissertação, trouxeram-nos apontamentos de suas histórias desde os seus antepassados, suas infâncias e espaços de atuação profissional. Mesmo com diferença geracional entre elas de mais de vinte anos (as entrevistadas tinham entre 37 e 63 anos de idade), suas vivências nos revelaram episódios de racismos. Falar com e sobre professoras é também

aprender um pouco mais, como enfatiza Porto,

O que fez sentido não são meramente os fatos contados sobre seus trajetos formativos, mas os significados e os contextos em que se inserem, permeados pelas experiências e pela maneira com que constroem suas narrativas. Assim, o processo de interiorização dos referenciais e de construção da subjetividade, para bem mais que uma troca de palavras, torna-se troca de conhecimento (PORTO, 2018, p. 55).

A proposta final da dissertação gerou três ações possíveis a partir de perguntas sobre três temas - formação, racismo e resistência - levantados nas entrevistas. Não propositalmente, mas, para este artigo, durante a revisão teórica e a delimitação de escrita, chamaram a atenção três assuntos que tanto nas falas quanto nos livros foram citados: família, coletivos (grupos ou Movimento Negro) e responsabilidade profissional.

Quadro 1 - Ternário

A busca (perguntas sobre)	O encontro (na bibliografia E nas entrevistas)	A bússola (proposta)
FORMAÇÃO	FAMÍLIA	RECUPERAR A HISTÓRIA
RACISMO	COLETIVOS (MOV. NEGRO)	ESCUTA E FALA
RESISTÊNCIA	RESPONSABILIDADE	REVISÃO CONSTANTE
	PROFISSIONAL	

Fonte: Autoras

Um triplo três. Interligados, sem hierarquia ou ordenamento, ao desejo da experiência do leitor. Um trevo, um ternário ou um tridente mítico-magístico de Exú?

A resposta não temos, mas construída sobre aprendizados de professoras pretas desenhamos uma alternativa possível a todas e todos que trilham os caminhos da educação.

3.1 Recuperar a história

Um retorno às origens e suas histórias, talvez desconhecidas, tamanha a diversidade do Brasil. Histórias da família, antepassados e descendentes, que se entrecruzam em momentos sociais e culturais vivenciados. Regiane Augusto de Mattos escreve sobre como os africanos fizeram dos 'irmãos', isto é, os componentes das mesmas irmandades, os seus 'parentes de nação', construindo uma família simbólica. Alguns africanos conseguiam preservar o contato com os seus 'malungos' (companheiros de viagem no navio negreiro). Mas a maioria teve de criar vínculos, por meio das

relações de compadrio e da escolha dos cônjuges, muitas vezes considerando os ‘laços de nação’ (MATTOS, 2012, p. 216).

Desejamos, pois, ir além da história oficial, contribuir com outras histórias. Com as histórias experienciadas e recontadas em meio às rodas de famílias, rodas nos terreiros, rodas de samba, rodas de conversas. Até porque os livros estampavam o racismo velado com as construções familiares, por exemplo, com a imagem do livro de uma “família europeia” e a empregada e motorista negros.

Os chefes das famílias, como as ilustrações de temas raciais que ainda perpetuam estereótipos e racismo à brasileira: homens negros em condições de “bêbado, ladrão, analfabeto, irresponsável” (GOMES, 1995, p. 126) difundidos na sociedade brasileira e em outras como ocorre numa famosa série estadunidense cujo nome é conhecido no Brasil como “Todo mundo odeia o Chris” (*Everybody Hates Chris*, 2005-2009).

Os bordões “praticamente da família” ou o “negro da casa” não são recolhidos de livros ou temas virtuais, são narrativas que construíram nossa ancestralidade afetando as lembranças familiares, expressando “uma realidade onde, desde muito cedo, aprendeu a negar-se a si mesma para ser aceita pelo outro” (GOMES, 1995, p. 126).

E, “embora as relações familiares possam ser – e com mais frequência sejam – caracterizadas pela aceitação de uma política de dominação, elas são simultaneamente relações de cuidado e conexão” (2019, p. 61). No que completa Carneiro (2019),

Fomos educadas para cuidar dos outros, de nossos filhos, de nossos pais. Durante muitos séculos a obrigatoriedade desses cuidados foram fatores de opressão. Mas dentro dessa opressão desenvolvemos um forte sentimento de compaixão, que nos permite hoje cuidar do mundo, reeducá-lo sem dor e sem opressão.
[...] Isso nos ensinou outro tipo de solidariedade e de sociabilidade que devemos aportar a um Tempo Feminino.
[...] Então meninas aceitem esse bastão porque ele lhes oferece a oportunidade de, como guerreiras de luz, travarem o bom combate! Pelas causas mais justas da humanidade (CARNEIRO, 2019, p. 116).

Sobre essas subjetividades familiares, Nilma Lino Gomes nos diz que é “o espaço da ancestralidade, da afetividade, da emoção e da aprendizagem de diversos padrões sociais”. A matriz da identidade racial, originalmente construída no ambiente familiar, encontra novas oportunidades para reforçar-se ou para sofrer alterações. As novas experiências podem contribuir para a continuidade do desejo de branqueamento e o sentimento de inferioridade racial, como também podem ajudar na construção de uma identidade racial positiva calcada na valorização da raça e na resistência à dominação racial (GOMES, 1995, p. 120; p. 125).

Então, busca-se a educação, afinal, a família vê como forma de ascensão social a escolarização

formal. Sendo que “a ênfase dada à escolarização das filhas pode ser uma estratégia encontrada por essas famílias para o enfrentamento das discriminações raciais, de gênero e preconceito” (CRISOSTOMO; REIGOTA, 2010, p. 101).

Nilma Lino Gomes afirma que o racismo é um tabu nas escolas e onde “um dos preconceitos mais difíceis de lidar é a relação negro = incompetente”, onde o negro, para afirmar-se capaz, deve apresentar “competência acima da maioria” (GOMES, 1995, p. 164).

Essas e outras expressões racistas acompanham até hoje as crianças no cotidiano escolar e “são cruéis”, pois o aluno negro ainda “não se vê nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pela escola e na escolha para encenar números nas festinhas” (GOMES, 1995, p. 118). As histórias dessas professoras negras foram atravessadas por preconceitos e discriminações advindas de seus colegas e de professores dentro e fora da sala de aula.

3.2 Escuta e fala

As entrevistadas colocaram em evidência as dificuldades referentes às questões étnico-raciais, inclusive na graduação. Acredito que esse silenciamento perpetua a invisibilidade da população negra, empurrando-a para uma minoria que não somos. As potentes atividades dessas mulheres negras na escola, enquanto professoras negras, evidenciaram um nó na linha histórica oficial eurocentrada com elas naquele lugar, que, segundo Gomes,

Se na infância desta mulher, a não existência de professoras negras poderia justificar a ausência da questão racial na prática escolar, nos dias atuais, apesar de esse número ter aumentado, isso ainda não tem revertido na inclusão da questão racial como uma discussão importante e necessária na escola (GOMES, 1995, p. 119).

A partir das entrevistas, vislumbrou-se a necessidade de uma formação docente que incluía princípios étnicos e de diversidade que a escola insiste em silenciar. Se para Gomes “não se discutem as diferenças, a diversidade étnico-cultural, as diferenças de gênero e nem se lança um olhar sobre a mulher que atua na educação” (1995, p. 118), para hooks, “a territorialidade da sala de aula é um tabu, [...] devemos estar dispostos a desconstruir essa dimensão de poder, desafiar, modificar e criar novas abordagens” (2019, p. 123).

Uma feminista não pode ambicionar possuir “a” teoria e “o” método, ela busca ser transversal. Ela se questiona acerca daquilo que não enxerga, tenta desconstruir o cerco escolar que lhe ensinou a mais ver, a não mais sentir, a abafar seus sentimentos, a não mais saber ler, a ser dividida no interior de si mesma e a ser separada do mundo. Ela deve reaprender a ouvir, ver, sentir para poder pensar. Ela sabe que a luta é coletiva,

sabe que a determinação dos/as inimigos/as em destruir as lutas de libertação não deve ser subestimada, que eles usarão todas as armas à sua disposição: a censura, a difamação, a ameaça, o encarceramento, a tortura, o assassinato. Ela também sabe que na luta há dificuldades, tensões, frustrações, mas também alegria, diversão, descobertas e ampliação do mundo (VÈRGES, 2020, p. 46).

E a criança precisa ter acesso à história real sobre o processo de escravidão como uma das principais consequências da discriminação racial na escola que para Bento é “a destruição histórica e social que determinado grupo fez do outro” (2006, p. 44). Precisa conhecer a história do povo brasileiro e seus diversos escritores tais como Machado de Assis, Carolina de Jesus, Aquilino, Luiz Gama e outros referenciais negros que contribuíram na edificação brasileira doando suas vidas, porque a disciplina de história ainda privilegia a participação de homens brancos. Assim, precisamos buscar entre nós, e em nossa comunidade.

As palavras de Gomes de que “a ação do Movimento Negro na luta pela superação do racismo e da discriminação racial não pode ser desconsiderada em qualquer tipo de análise sobre a questão racial no Brasil” continuam ecoando na atualidade. Reações de impotência que poderiam ter sido diferentes, pois dentro delas essas “confusões”, conforme Gomes, revelam “o racismo introjetado no imaginário racial brasileiro e muito bem defendido pelos teóricos racistas estudados de que o lugar do negro está sempre associado com baixo status social” (GOMES, 1995, p. 125 e p. 160).

Todas as professoras negras entrevistadas trouxeram em seus olhares as mais variadas emoções contidas na intersubjetividade de seus silêncios, sussurros e narrativas diante dos preconceitos que sofreram por parte de seus colegas ou das pessoas que frequentam os mesmos espaços que elas. Ainda sobre isso, lembra-nos Gomes que “a ambiguidade é uma constante” no processo de identificação negra. A identificação com a negritude é um processo que se inicia desde as primeiras relações no íntimo da família, estabelecendo, entre sanções e afetos, “ensaios de uma futura visão do mundo” (GOMES, 1995, p. 122 e p. 117).

Assim como Bell Hooks (2019) sentiu-se menos sozinha lendo histórias de resistência feminina, por ver-se representada, Leda Maria Martins (1996), em seu artigo O feminino corpo da negrura, explica com alguns exemplos a forma nada acadêmica da escrita das mulheres negras, que, diferente das escritas de exclusões, alheias e alienantes, pede um novo olhar. Um olhar que não ignore essa escrita da mulher negra que carrega os “burburinhos da memória, sua mais íntima residência, resguarda a tapeçaria de vozes e de olhares, familiares e estrangeiros, que a constituem. Dali germinam seus muitos atos de silêncio e seus indiretos atos de fala” (MARTINS, 1996, p. 116).

Para Eddo-Lodge, “espera-se que as mulheres sorriam, que a gente engula nossos sentimentos e que sejamos altruístas. Ser autoritária é feio, e, claro, a pior coisa que uma mulher poderia ser é feia” e, se acaso as mulheres impõem sua voz, a sociedade as interpreta como seres raivosos. A autora

escreve que é vista como uma mulher raivosa por se manifestar quando perguntada. O fato de não aceitar ser interrompida e não admitir que outro explique sua fala foi “rotulada” como raiva e a solução encontrada por ela foi que “decidi falar o que penso” [...] porque “quem ganha quando não falamos? Não nós.” (EDDO-LODGE, 2019, p. 156-157).

3.3 Revisão Constante

Nilma Lino Gomes (1995) nos joga diretamente para as narrativas das professoras negras, que falam por si, narrar, portanto, a trajetória escolar das professoras negras é narrar a própria trajetória das mulheres negras. A trajetória das professoras negras reflete a trajetória de todas as mulheres negras. Uma trajetória de luta, resistência, emoção e muita dor (GOMES, 1995, p. 116).

Concordo com o pensamento da autora Nilma Lino Gomes em relação ao compromisso científico desta pesquisa, em não fazer “uma narrativa sentimentalista da realidade estudada, o que não me impede de me emocionar com a mulher negra que sou e vi de perto” (1995, p. 30). Ou complementá-la.

Afinal, desde cedo, negros, mulheres, mulheres negras são preteridas. “A representação e inclusão de rostos negros não era realmente sobre o que mexia comigo. Não era sobre ser visto ou ser incluído. Eu estava acostumada a não ver reflexões positivas dos negros na cultura popular” (EDDO-LODGE, 2019, p. 126). E acostumar-se pode ser um campo perigoso na educação, pois o professor, diante do espaço de negação da história e da cultura afro-brasileira na escola, deve, como nos disse a professora Stael, assumir a responsabilidade de contestar.

Essa contestação do costume, do cotidiano, se não foi realizada no contexto familiar, deve ser trabalhada no contexto escolar. Isso inclui revisar constantemente suas ideologias. Afinal, para as mulheres negras, a militância tríplice da interseccionalidade – raça sexo e classe – exige consciência e ação, “visto que nenhuma solução efetiva para os problemas que nos afligem pode advir da alienação de qualquer desses três fatores” (CARNEIRO, 2019, p. 55).

Pesquisar sobre essas professoras pretas, escutar suas histórias, contemplar esses encontros foi para mim momentos de muito aprendizado, acompanhados de inúmeras inquietudes sobre a realidade social em que estamos inseridos.

4 Construção: por uma pedagogia preta feminista

Fazer, propor ações que mudem no micro espaço, no espaço da sala de aula. Mas a gente tem que fazer alguma coisa porque nós não podemos jamais é cruzar os braços ou silenciar nas questões étnico raciais.
Stael Soraya dos Santos Rosa

Essas ações devem estar presentes no cotidiano da família, escola, trabalho e conversas entre o café. Entre as autoras e as professoras, mulheres que têm muito a nos ensinar a partir de suas práticas educativas e de militância. Sobre isso, escolho três frentes que encontram os três pontos que apresentei na pesquisa: racismo, formação e resistência:

- 1) Recuperar a história;
- 2) escuta e fala e;
- 3) revisão constante.

1) Recuperar a história - Para desconstruir a visão única da história oficial disseminada, devemos buscar outras fontes bem próximas a nós, ou seja, nossas famílias, amigos, vizinhos, negros e não negros, percebendo “a possibilidade do encontro da solidariedade e do amor entre grupos étnicos e raciais diferentes. São parceiros que colocam sua representação social ou seu prestígio pessoal a serviço da luta pela igualdade de direitos e oportunidades para todos” (CARNEIRO, 2019, p. 97).

Ainda sobre essas diferenças, conforme Eliane Lopes, orientadora do mestrado de Nilma Lino Gomes, ela era mais uma entre muitas professoras brancas relatando sobre as professoras negras que não teve e as alunas negras que seriam futuras professoras,

Eu as olhava e as percebia, só mesmo cega não perceberia - de *cor diferente*. Mas eu não as percebia negras. E, já me perguntaram, que diferença há? Que diferença há entre ver que o *outro* é de cor diferente da sua e sabê-lo - saber-se a partir de então - com um determinado pertencimento racial, étnico? Toda a diferença.

Toda a diferença: uma história, e isso não é pouco. De uma vida, de uma família, de uma cultura, de um povo, de uma nação sobre os quais silencia-se (GOMES, 1995, p. 9).

A autora nos convida para a responsabilidade de não nos silenciarmos mais. É preciso falar e, antes das falas, fazer o exercício da escuta. Pois foi ouvindo atentamente essas professoras negras acompanhadas de suas contradições, aproximações e tensionamentos referentes aos conflitos internos e também sobre a realidade que vivenciamos.

2) Escuta e Fala - o pensamento feminista negro, como bem descreve Winnie Bueno (2020) tem uma série de ações e ideias que caracterizam uma outra forma de conhecimento intelectual que inicia pela ação, pelo sentir onde corpo e mente e espírito coexistem numa dinâmica multifacetada. Por essa razão, o pensamento feminista negro não considera a relação entre raça, gênero e classe como questões opostas ou lhes dá hierarquia, a interseccionalidade possibilita estratégias políticas de justiça social. Diante dessas adversidades, constatamos que as mulheres negras não ficaram teorizando seus aprendizados.

A produção intelectual de mulheres negras não se resume a artigos em periódicos e livros. Ela ultrapassa as fronteiras daquilo que é considerado conhecimento pela normatividade eurocêntrica padronizante e se apresenta enquanto oralidade, música, poesia, dança e outras formas de reverberação e compartilhamento de saberes.

[...] Considero que a produção de teoria toma um sentido mais contundente quando ela é organizada a partir de uma perspectiva prática, porque a produção de conhecimento é uma ação prática. Todo o pensamento produzido por intelectuais negras se alicerça na possibilidade de a partir dele haver uma articulação de perspectivas que mudem a realidade social vivenciada pelos sujeitos implicados na teorização (BUENO, 2020, p. 147 e 148).

Para quem foi silenciado por gerações, talvez seja difícil começar, pois, assim como a fala, a escuta também exige uma criticidade do pensamento. Bell Hooks, ao falar de seus anos de professora universitária, retrata o pavor dos alunos na escrita, “tenho testemunhado o horror e a angústia de muitos estudantes com a escrita” (2019, p. 295). Encorajar alunas para a leitura e a escrita é essencial para suportar as pressões como a de ter que trabalhar para prover o sustento da família. Assim como as mulheres que têm estabilidade econômica muitas vezes não têm tempo para a escrita. Encorajar uma narrativa, não só de um tema, mas de suas vivências ou de suas fantasias (HOOKS, 2019).

Meu desejo é que as pessoas de cor branca, porque “todos sabemos que branco também é cor” (BENTO, 2006, p. 48), tenham além de discursos ações antirracistas. Reni Eddo-Lodge fala que o racismo é uma questão dos brancos. Aos negros interessa tratar da negritude. Os brancos precisam discutir suas atitudes, seus ideais padronizados pelo velho discurso negacionista. Utilizar frases ou a “audiência” e anonimato (sim, você é só mais um ali) das redes sociais não te faz um antirracista (EDDO-LODGE, 2019). Não sintam culpa pelo passado, responsabilizem-se pelo futuro.

Pessoas brancas, vocês precisam falar com outras pessoas brancas sobre raça.

[...] Conversem com outras pessoas brancas que confiam em vocês. Conversem com pessoas brancas nas áreas de sua vida nas quais você tem influência. Se vocês se sentirem sobrecarregados por seu privilégio não merecido, tentem usá-lo para algo e usem-no onde for necessário. Mas não sejam antirracistas em prol de uma audiência. Ser branco e antirracista em sua vida privada ou profissional, onde há muito poucos elogios a serem encontrados, é muito mais difícil, mas, em última análise, mais significativo (EDDO-LODGE, 2019, p. 179).

Pequenas ações representam inícios de novas abordagens, de novas proposições que devem ser colocadas em prática no lar, nas vivências profissionais, nas convivências sociais como um ato de autotransformação. Tudo começa no eu; sem um propósito narcisista, mas a mudança é um ato íntimo e solitário. “Não podemos esperar um herói chegar e melhorar as coisas” (Ibidem, p. 185).

Se a mudança é consciente e real, o segundo passo é buscar apoio em grupos que tenham os mesmos alicerces e que convergem em garantir uma educação libertadora.

3) Revisão constante - Bell Hooks (2019) lembra que o racismo ameaça a liberdade acadêmica, porque, para a academia existir, precisa de diversidade. A universidade deve superar o distanciamento e a alienação social, o mundo real está acontecendo e a universidade precisa estar conectada a ele. Para Nilma Lino Gomes, a renovação pedagógica precisa ser alimentada de fora, onde “se pretendemos repensar e redefinir o trato que a escola dá à questão racial é necessário que lancemos este olhar sobre o que acontece na escola, na prática das profissionais, nas relações internas” (1995, p. 138).

Atualmente, somos convocadas por uma circunstância alarmante – o ressurgimento da violência racista declarada, o aumento da carência e da pobreza, o analfabetismo generalizado e a avassaladora devastação psicológica que produz loucura em todas as fronteiras de classe – a examinar e reavaliar criticamente nosso papel como pesquisadores negros (HOOKS, 2019, p. 144).

Com o que Bell Hooks descreveu no trecho acima, na versão original do livro “erguer a voz”, em 1989, poderíamos pensar que mudanças efetivas ocorreriam. Ocorreram grandes mudanças, mas o racismo introjetado, estruturado no capitalismo, mantém o parágrafo anterior atual em 2020 diante da pandemia do coronavírus.

Se você está enojado com o que vê, e sente o fogo correndo em suas veias, então depende de você. Você não precisa ser o líder de um movimento global ou um nome de peso. Pode ser tão em pequena escala quanto diminuir as relações de poder distorcidas em seu local de trabalho. Pode ser transmitindo conhecimento e habilidades para aqueles que não teriam acesso a eles de outra forma. Pode ser de forma criativa. Pode ser informal. Pode ser o seu trabalho. Não importa o que seja, contanto que você esteja fazendo alguma coisa (EDDO-LODGE, 2019, p. 185).

Não podemos, como educadores, manter nenhuma neutralidade, é preciso um movimento – pedagógico, social, profissional, sindical – pelo menos um, movimento em que o “mais importante ainda, devemos sobreviver nesta bagunça, e fazer isso da maneira que pudermos” (EDDO-LODGE, 2019, p. 185).

Todas as professoras entrevistadas colocaram a educação como precursora da mudança, da melhoria. E duas delas utilizaram como metáfora a semente como exemplo da ação educadora, da semente que foi plantada e que precisa germinar.

Assim, nossa história não deve ser apagada como pregam os opressores. Devemos recuperá-la com as outras versões e que resulte numa realidade social vigente. Fazer isso através da escuta de nossas vivências significa escutar e deixar falar. Falar com voz alta e com uma escrita acessível.

Então, façamos que essa fala alcance além da escola, além da academia. Que alcance vidas e se torne uma força motriz constante na derrubada do racismo e do preconceito como algo possível e

contribuinte com a nossa almejada transformação, lembrando mais uma vez a metáfora, que, como educadores nessa sementeira, sejamos chuva e que alcance senão todos os recantos, os mais longínquos espaços possíveis.

5 (In)conclusão

A gente tem que entender que nós temos um papel, uma função enquanto educadores que é plantar uma sementinha nessas crianças, nesses jovens. E essa sementinha vem mostrar a realidade, refletir sobre ela, questionar essa realidade.
Staël Soraya dos Santos Rosa

Reavaliar a proposta apresentada na dissertação de mestrado em Educação traz, além de orgulho egoísta, o orgulho coletivo. Sim, orgulho que ainda nos é negado. Orgulho negado. Orgulho Negro. Negra, sim. A educação precisa de cores, mais tons, mais negruras.

Que seja na sala de aula, para o aprendente, que seja na universidade, para o professor aprendente, que seja a educação uma política pública efetiva de equidade racial. Muito além do quantitativo que valide as cotas e muito mais além da estrutura legal que obriga respingos étnico-raciais.

Que a educação seja educação das relações étnico-raciais aprendente e ensinante. Ensinante e aprendente, em um bailado de trocas aprendente e ensinante.

Referências

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Cidadania em preto e branco. São Paulo: Ática, 2006.
- BUENO, Winnie. Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Pólen, 2019
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A cor ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores - Pará, 1970-1989. Belo Horizonte: Mazza Edições, Belém: Editora Unama, 2006.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista sociedade e Estado. v. 31. n.º 1. Jan-abr 2016. p. 99-127. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15/07/2022.
- CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos. REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior. Julho, 2010, v. 15, n.º 2. Disponível em: ISSN 1414-4077. Acesso em 08/05/2018. 113
- EDDO-LODGE, Reni. Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça. Tradução de Elisa Elwine. Belo Horizonte: Letramento, 2019
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, v. 12, n.º 1, jan-abr 2012. p. 98-109. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>>. Acesso em 10/10/2021.

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

ILLESCAS, Lúcia Charún. “Afrohistóricas”. Detrás de la memoria. Apuntes y perspectivas de la mujer afrodescendiente en Lationamérica. In.: Seminario regional las mujeres afrodescendientes y la cultura latinoamericana. Montevideo: Proyecto Regional “Población Afrodescendiente de América Latina” del Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), 2009. pág. 24-27. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/AshantiPeru/seminario-regional-las-mujeres-afrodescendientes-y-la-cultura-latinoamericana-29082869>>. Acesso em 08/03/2018.

KAWAHALA, Edelu. Na encruzilhada tem muitos caminhos- teoria decolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila. Tese (doutorado em Literatura)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132394>>. Acesso em 02.02.2017

Martins, Leda Maria. O Feminino corpo da negrura. Aletria: Revista De Estudos De Literatura, 4, 111–121. Belo Horizonte: UFSM, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17706>>. Acesso em 20.02.2020

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura Afro-brasileira. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PIEADADE. Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PORTO, Eliane Quincozes. Trajetos Formativos e Significações Imaginárias: Narrativas de Professoras da EBTT (Dissertação). Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Área de Concentração em Educação Profissional e Tecnológica, do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria/Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Santa Maria: 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14904/DIS_PPGEPT_2018_PORTO_ELIANE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12.09.2022.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Izabel Espindola Barbosa

Técnica Administrativa em Educação no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). Mestra em Educação (PPGEdu FURG). Doutoranda em Educação (PPGE UFSM). Contato: espindolabarbosa.izabel@gmail.com

Raquel Pereira Quadrado

Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Doutora em Educação em Ciências. Contato: raquelquadrado@hotmail.com

Eliane Almeida de Souza

Pós-Doutoranda em Educação (UFRGS). Doutora em Educação (UFRGS). Contato: negrasim2004@yahoo.com